

# DO CORPO E DO HORROR COMO ESTRATÉGIA DE SUBJETIVAÇÃO

**Antônio Fernandes Júnior**

Universidade Federal de Goiás

**Resumo:** Este texto se propõe a discutir a relação corpo - horror na canção “Debaixo d’água” (2001), de Arnaldo Antunes, na qual o horror será analisado a partir da relação que o sujeito da canção estabelece com o mundo, considerado como um espaço que o sufoca e o faz sofrer. Como caminho teórico, recorro aos apontamentos de Michel Foucault sobre corpo, sujeito e processos de subjetivação para problematizar a constituição do sujeito na sua relação com as forças do fora, seja no embate com as relações de poder ou nos limites do corpo pensado como suporte para conflitos entre corpo e processos de subjetivação.

**Palavras-Chave:** Corpo, Horror, Sujeito, Arnaldo Antunes.

**Resumen: Del cuerpo y del horror como estrategia de subjetivación.** Este texto se propone a discutir la relación cuerpo- horror en la canción “Debaixo d’água” (2001), de Arnaldo Antunes, en la cual, el horror será analizado a partir de la relación que el sujeto de la canción establece con el mundo, considerado como un espacio que lo sufoca y lo hace sufrir. Como camino teórico, recorro a los apuntamientos de Michel Foucault con respecto al cuerpo, sujeto y procesos de subjetivación para problematizar la constitución del sujeto en la relación con las fuerzas de afuera, sea en el embate con las relaciones de poder o en los límites del cuerpo pensado como soporte para los conflictos entre cuerpo y procesos de subjetivación.

**Palabras-Clave:** Cuerpo, Horror, Sujeto, Arnaldo Antunes.

Minha incursão pela abordagem sobre a relação corpo e horror, proposto como tema do número para esta edição da Revista Redisco, não seguirá um encaminhamento que focalize essa articulação enquanto algo assustador, fantasmagórico, da anormalidade, exótico ou daquilo que provoque aversão, medo ou repulsa. Com isso, não estou desconsiderando a relevância dessa abordagem para o texto literário, ou de outros tipos de texto. Pelo contrário, creio que são caminhos instigantes e merecem atenção de pesquisadores interessados em adentrar nos múltiplos lugares de leituras possíveis sobre o corpo e horror e suas conexões com os sujeitos construídos na e pela história, seja na literatura, no cinema, na mídia ou em diversas materialidades nas quais possam se inscrever

e provocar horrores diante do outro, de si e do mundo.

Este texto se propõe a pensar outro caminho para a discussão do corpo e do horror: trata-se do horror diante do mundo como um espaço que sufoca, faz sofrer e pode levar o sujeito a não querer mais nele inscrever, posicionar-se e resistir enquanto enfrentamento direto. Para tratar desse recorte, partirei de uma letra de música de Arnaldo Antunes, intitulada “Debaixo d’água”, lançada no álbum “Paradeiro” (2001). Como caminho teórico, recorro aos apontamentos sobre corpo, sujeito e processos de subjetivação em Michel Foucault, e comentadores, para problematizar a constituição do sujeito na sua relação com as forças do fora, seja no embate com as relações

de poder construídas socialmente ou nos limites do corpo pensado como suporte para conflitos entre corpo e processos de subjetivação.

### Por que Arnaldo Antunes?

A escolha pela obra deste poeta me acompanha há algum tempo e me serve como ponto de referência para pensar o poético além dos limites impostos pelo formato convencional do poema em verso. A poética deste autor, como já tive oportunidade de explorar em outros trabalhos<sup>1</sup>, extrapola os limites do verso e do livro tradicional, alcançando outros espaços de produção, circulação e recepção da poesia no contexto atual. Seja na canção, no poema ou no vídeo, esse poeta pesquisa e explora o formato do poema de maneira singular, sem perder de vista a busca por outras formas de produzir leituras sobre a linguagem, os sujeitos e a história. Destaco aqui, o primeiro marco do trabalho do poeta com o corpo do poema, ou seja, a forma material do texto, no qual se explora distintas materialidades que possam fazer o poético emanar do som, da imagem e da palavra, ou de “tudo ao mesmo tempo agora”, para usar uma expressão do próprio autor. É do plural, da mistura e do hibridismo de códigos que os sentidos se produzem e se dão a ver, ler e ouvir.

Do corpo do poema, podemos seguir outra via de estudo voltada para o eixo corpo/subjetividade, foco deste estudo e da obra de Antunes, poeta, cuja obra “vem sendo marcada por uma intensa reflexão acerca do sujeito e das suas possibilidades formais de expressão” (SALGUEIRO, 2002, p. 107). Reiteramos os apontamentos do crítico supracitado, pois os textos de Antunes constroem-se por meio da exploração de diferentes suportes e recursos formais que possibilitam pensar o sujeito clivado por essa mistura de elementos que lhe constituem. Adentrando ao tema específico deste artigo, reitero que a escolha do poeta não foi aleatória, pois trata-se de um autor singular no cenário artístico brasileiro contemporâneo, antenado com as questões atuais vinculadas

ao corpo e à subjetividade, seja em poemas, vídeos ou canções. Portanto, estamos diante de um artista que faz uso do texto poético como forma de problematizar essa articulação. Com isso, queremos refletir sobre os limites do corpo enquanto espaço de (des)constituição do sujeito na atualidade. Resumindo: nosso objetivo é pensar como a obra deste autor expressa e constrói sentidos sobre o corpo e o sujeito na atualidade.

### O corpo|subjetividade: a indefinição que define

Como primeiro enfoque, embora tenha explorado esse poema em outra publicação<sup>2</sup>, não posso deixar de indicar, ainda que de forma rápida, um aspecto peculiar do poema “Corpo”<sup>3</sup>, reproduzido abaixo.



O corpo existe e pode ser pego. É suficientemente opaco para que se possa vê-lo. Se ficar olhando anos você pode ver crescer o cabelo. O corpo existe porque foi feito. Por isso tem um buraco no meio. O corpo existe, dado que exala cheiro. E em cada extremidade existe um dedo. O corpo se cortado espirra um líquido vermelho. O corpo tem alguém como recheio.

23

A escolha desse poema justifica-se por um aspecto em especial, qual seja, a problematização entre o dentro e o fora, o corpo físico e o corpo subjetivado, a definição e a indefinição e, por fim, a oposição entre o dado material e imaterial. Assim, nesses entre-lugares emergem saberes e verdades sobre o corpo e o sujeito que merecem leitura atenta.

Como um manual produzido para explicar, didaticamente, o que é um corpo, seja a partir do aspecto tátil ou (in)visível, o poema, discursivamente, joga com vários sentidos sobre o corpo. Nesse movimento, o pedagógico, respaldado por certa obviedade do texto, gera estranhamento no leitor, sobretudo pelo verso final, quando diz: “o

<sup>1</sup> Fernandes Júnior (2011).

<sup>2</sup> Poema discutido com mais detalhes em Fernandes Júnior (2011).

<sup>3</sup> Antunes (2002).

corpo tem alguém como recheio”. Esse posicionamento desloca nosso olhar para além das descrições anatômicas exploradas anteriormente no poema. Esse sujeito que se constrói no poema, disfarçado na objetividade do texto, em um jogo de ausência/presença, aponta para uma subjetividade marcada por um devir-criança capaz de aproximar, no plano do discurso, o adulto e a criança, como se fosse um jogo infantil de “parece mas não é”. Esse brincar com a linguagem e com os códigos possibilita, ao poeta, explorar, tal como uma criança, um objeto, no caso o corpo e o sujeito, como se fosse destituído dos saberes já cristalizados para propor outro modo de observação.

Sem muitas delongas, pois trata-se de um texto por nós discutido em outro momento, vamos reter desse texto e do exposto, o enunciado final, sobretudo pelos efeitos de sentido que produz. Diante disso, o poema, ao apresentar uma proposta pedagógica na quase totalidade do texto, estabelece, de forma objetiva, uma tentativa de definir o corpo de acordo com o formato, a cor, a textura etc.. Esse movimento de objetivação do corpo estende-se até o enunciado final, mesmo quando esbarra na indefinição construída pelo pronome “alguém”. A escolha desse pronome indefinido gera, no poema, a possibilidade de abertura semântica e produção de sentidos que fogem a objetividade inicial. Ter alguém como recheio delimita o aspecto singular de cada sujeito, sua diferença em relação aos demais, ou seja, a indefinição define. Apesar de indefinido, a indefinição é, também, uma forma de definir.

Se o corpo tem um sujeito que o habita, ou um recheio, temos de pensar em que medida o corpo suporta esse recheio, ou até quando o corpo é pequeno demais para os dois. Pensando nesse duelo de forças e processos de subjetivação, vamos pensar em que medida o corpo e o sujeito se relacionam com as forças do fora, marcadas por conflitos e pressões constantes.

### **Corpo, sujeito e poder: apontamentos**

As reflexões sobre sujeito, poder e práticas de subjetivação, temas que giram em torno da problemática da subjetividade, atravessam a

obra de Michel Foucault em diferentes momentos, seja na fase arqueológica, na genealógica ou nos trabalhos sobre ética. Tais questões aparecem no ensaio “O sujeito e o poder”, no qual o autor explicita ser a temática do sujeito, enquanto invenção|fabricação histórica, o tema que o mobilizou em seus estudos, no qual procurou desenvolver uma história dos diferentes modos de subjetivação do sujeito construídos historicamente.

Assim, o sujeito passa a ser a categoria por meio da qual o poder e demais conceitos da obra do filósofo se articulam. Para Foucault (2004), o sujeito não é uma substância imutável, transcendental ou natural, mas uma forma que se constrói de acordo com as situações e papéis ocupados na sociedade. Por isso o filósofo reitera que sempre lhe interessou “a constituição histórica dessas diferentes formas de sujeito, em relação aos jogos de verdade” (FOUCAULT, 2004, p. 275). Para este autor, refletir sobre essas questões implica pensar no caráter diverso e múltiplo que diferentes sujeitos podem assumir enquanto posicionamento nos discursos. Esse argumento reforça, como consequência, negar o sujeito universal, para tentar compreender formas de ser e modos de vidas plurais, quando não, marginais.

Revel (2005, p. 85), discutindo o conceito de sujeito/subjetividade em Foucault, reitera essa questão pontuando que “se o sujeito se constitui, não é sobre o fundo de uma identidade psicológica, mas por meio de práticas que podem ser de poder ou de conhecimento, ou ainda por técnicas de si”.

Pensar a produção histórica da subjetividade ou os processos de subjetivação que possibilitam a construção do sujeito nos direciona, como desdobramento, a refletir sobre a questão do corpo como uma categoria, também, afetada pela exterioridade, pelo social. A sexualidade, o trabalho ou movimento ético de si sobre si mesmo interligam-se ao corpo, incidem sobre o corpo, corpo adestrado pela disciplina, culpabilizado pelo cristianismo, enfim, o corpo afetado pelas forças do mundo, conforme nos ensina Pelbart (2003).

Nesse sentido, pode-se dizer que todo corpo/sujeito encontra-se afetado pelo fora,

seja pelo encontro com outros corpos, consigo e com o mundo; seja por meio “da alteridade que o atinge, da multidão de estímulos e excitações, que cabe a ele selecionar, evitar, escolher, acolher” (PELBART, 2003, p. 45). Seguindo esse raciocínio, esse estudioso, na mesma página, argumentará que “um corpo não cessa de ser submetido aos encontros, com a luz, o oxigênio, os alimentos, os sons e as palavras cortantes – um corpo é primeiramente encontro com outros corpos”. Essas questões levam o autor a problematizar: o que pode o corpo? O que o corpo não aguenta mais?

Obviamente, para os limites deste texto, não temos a pretensão de aprofundar nessa trajetória um tanto extensa, variada e complexa sobre corpo e subjetividade, mas pontuar alguns elementos que contribuirão para o estudo aqui proposto.

Destaco dessa discussão dois pontos para os propósitos deste estudo. O primeiro liga-se à relação do corpo afetado pelas forças do mundo; o segundo refere-se à ideia de encontro, de encontro entre corpos. Essa escolha vincula-se aos apontamentos sobre sujeito/subjetividade arrolados acima, pois corpo e subjetividade (quem pertence a quem?) são afetados e afrontam as forças do mundo (o fora) e, ao mesmo tempo, são atravessados pelo encontro com outros corpos (alteridade). Esse encontro pode ser entre sujeitos ou do sujeito consigo mesmo, apontando para as forças do corpo e da subjetividade que, mesmo sendo moldadas, conseguem produzir linhas de fuga e estratégias de resistências.

Se entendermos que o corpo e o sujeito são construídos ao longo da história, resta-nos apreender, por meio das práticas discursivas e não discursivas, como se deu essa fabricação e quais traços ou vestígios possibilitam captar essas formas de sujeito materializadas em diferentes discursos. Assim, é pelo discurso que vamos chegar ao sujeito e aos processos de subjetivação, seja pelos enunciados produzidos, seja pelas materialidades (imagética, sonora, verbal etc) acionadas. Em nosso caso específico, o corpo e o sujeito serão discutidos a partir de um objeto estético, uma canção, cuja letra explicita essa co-

relação corpo e sujeito no enfrentamento com as forças do mundo.

### **Horror, corpo, sujeito: limites e (im)possibilidades**

Quando, na primeira parte deste estudo, justificamos a escolha da obra de Antunes e do poema “o corpo”, como ponto de partida para esta discussão, optamos por um encaminhamento que problematizasse os limites do corpo e do sujeito em seu encontro com as forças do mundo e com a alteridade que o constitui. Por esse motivo, recorreremos aos estudos sobre corpo e sujeito a partir de Foucault para nos dar suporte nesta reflexão.

Se pensarmos que os processos de subjetivação “são modos de vida que se criam” (CARDOSO JÚNIOR, 2002, p. 186), a dobra do si sobre as forças do fora, podemos articular que no encontro com as forças do mundo, os indivíduos se constituem em sujeito a partir do encontro com essas forças que, podem levar a distintos modos de subjetivação, e as consequências diante desse processo. Cardoso Júnior associa os processos de subjetivação à correnteza de um rio, a qual, em fluxo contínuo, não para de provocar erosões por onde passa. Junto ao grande rio temos, como desdobramento, pequenos riachos e remansos onde os peixes (e uma subjetividade) podem descansar e formar um pequeno espaço de oposição/resistência às forças da correnteza maior.

Um processo de subjetivação está para as forças assim como na passagem de um rio formam-se remansos que são como que riachos dentro de um rio maior. Riachos com suas próprias correntezas, muitas vezes divergentes com relação à corrente maior. Diz-se que esses remansos de forças são excessos do rio, pois são remoinhos que se formam em função da corrente principal. Mas eles são igualmente recessos do rio, onde acontece algo inédito, isto é, os remansos da subjetivação funcionam como portas pelas quais forças entram ou são perdidas para o rio maior (CARDOSO JUNIOR, p. 188).

A partir dessa imagem do fluxo do rio/processos de subjetivação, o autor sinaliza a possibilidade da conquista do “governo de

si”, quando, na ética da subjetivação, o sujeito consegue conduzir esse movimento e se posicionar diante da corrente do rio/mundo.

O processo de subjetivação é uma torrente onde forças se compõem vertiginosamente. Mas o sujeito é seu segredo, porque, nele, uma força põe-se a relacionar-se consigo mesma, enovela-se, adaptando ou conservando a criação ou transformação do modo de vida que é uma subjetivação (CARDOSO JR, p. 191).

Nesse movimento de forças e encontro entre corpos pode ocorrer, segundo o autor, a criação de novos modos de vida, singularidades. Assim, um sujeito, uma identidade ou uma subjetividade podem tanto reagir ao fluxo da subjetivação quanto perder-se no caminho. É nesse movimento que entra em cena o governo de si e a possibilidade ou não de condução do processo. Quando ocorre a condução do processo de subjetivação, o sujeito consegue curvar a linha da força e criar modos de vida autônomos; quando ocorre o inverso, o governo de si enfraquece e se perde no processo. Por fim, pode ocorrer de o sujeito se fechar em si mesmo e enclausurar o governo de si, tornando-o um modelo fixo, sem a possibilidade de criação de novos modos de vida, limitando a possibilidade de tornar-se diferente do que se é, restringindo-se a uma identidade fixa.

Nessa acepção, subjetividade e processos de subjetivação vivem em constantes jogos de forças, intensificando a relação entre sujeito e mundo. Isso significa que somos afetados o tempo todo por forças de diferentes intensidades; estamos “sempre em relação, sempre agenciando, sempre desejando e, por isso, sempre produzindo. Daí a subjetividade produzir e ser produzida, não por que esteja condicionada a repor qualquer objeto ausente, mas porque ela é autoprodução sem finalidade alguma”, conforme aponta Lopes (2007, p. 198)

Mas o que nos interessa desta discussão? Se o processo de subjetivação possibilita a criação de modos de vida que se constituem no e pelos discursos, podemos transpor essa questão para a leitura do texto de Arnaldo Antunes, focalizando os limites entre as forças do fora e o governo de si, que emergem

no texto a ser discutido mais adiante. Se “o corpo tem alguém como recheio” e este recheio o singulariza, como pensar os limites impostos por forças exteriores (o mundo) em oposição aos limites do governo de si? Se o governo de si é capaz de conduzir os processos de subjetivação e curvar a linha da força, o que a canção de Antunes nos indica?

Tomando essa imagem como parâmetro, bem como os apontamentos sobre corpo arrolados neste texto, podemos avançar a discussão para o momento de leitura da letra da canção “Debaixo d’água”, de Arnaldo Antunes com o objetivo de focalizar os limites do corpo e do sujeito diante dos encontros construídos, do horror diante do mundo.

#### DEBAIXO D’ÁGUA

Debaixo d’água tudo era  
mais bonito  
mais azul mais colorido  
só faltava respirar

Mas tinha que respirar

Debaixo d’água  
se formando  
como um feto  
sereno confortável  
amado completo  
sem chão sem teto  
sem contato com o ar

Mas tinha que respirar

Todo dia  
Todo dia, todo dia  
Todo dia

Debaixo d’água por encanto  
sem sorriso e sem pranto  
sem lamento e sem saber  
o quanto esse momento  
poderia durar

Mas tinha que respirar  
Debaixo d’água ficaria  
para sempre  
ficaria contente  
longe de toda gente  
para sempre  
no fundo do mar

Mas tinha que respirar

Todo dia  
 Todo dia, todo dia  
 Todo dia

Debaixo d'água  
 protegido salvo  
 fora de perigo aliviado  
 sem perdão e sem pecado  
 sem fome sem frio  
 sem medo  
 sem vontade de voltar

Mas tinha que respirar

Debaixo d'água tudo era  
 mais bonito  
 mais azul mais colorido  
 só faltava respirar

Mas tinha que respirar

Todo dia  
 Todo dia, todo dia  
 Todo dia

A letra da canção explora dois blocos temáticos e estabelece um contraponto entre viver em um espaço de alegria/beleza (“debaixo d’água”) e a impossibilidade de viver esse modelo (“mas tinha que respirar”). Diante desse impasse, temos um sujeito discursivo envolvido nesse cenário e dividido entre dois espaços distintos.

Essa voz que fala e canta no poema, deixa a ver e a ouvir um tom de desilusão ante o mundo no qual se insere e quer deixá-lo, em busca de outro modo de vida, um espaço de beleza, conforto, proteção. Podemos dizer que esse sujeito posiciona-se de um lugar social, cuja situação lhe causa repúdio, horror (Debaixo d’água ficaria/ para sempre/ ficaria contente/ longe de toda gente/ para sempre/ no fundo do mar). Se o processo de subjetivação possibilita ao indivíduo constituir-se como sujeito, seja em oposição a esse mundo ou à sua própria condição, cria-se na canção uma situação limite, localizada entre o desejo de viver dentro do mar e a impossibilidade de realização desse desejo; o afastamento do mundo e das pessoas.

Viver dentro do mar|água pode funcionar como um discurso de utopia, pois tem beleza,

carinho, proteção, ausência de culpa, perdão e alívio. Por outro lado, a conjunção “mas”, presente em todas as estrofes, quebra o discurso utópico e impõe uma realidade nua e crua, da qual não se escapa ileso. A canção parece jogar, no interdiscurso, com o princípio do prazer e princípio da realidade, discutidos por Freud, associando desejo e culpa, o id e o ego. São alguns dados que nos indicam esse caminho. Esse jogo de oposições pode vincular-se à ideia de falta, do desejo enquanto falta, tão discutido pela psicanálise. Mas não é do desejo como falta, o enfoque, aqui proposto. Trata-se do desejo como produção ou processo de subjetivação no qual se articulam o conjunto de forças que afetam o sujeito e o corpo no contato com as forças do mundo. Por isso a subjetividade produz e é produzida, não por que falta algo ao desejo, “é, antes, o sujeito que falta ao desejo, ou o desejo que não tem centro fixo” (LOPES, 2007, p. 1990).

Nesse sentido, a segunda estrofe da canção traz, com toda a carga expressiva, o retorno à condição de feto, à vida intrauterina, “debaixo d’água”. A possibilidade de voltar a essa condição, em que tudo é fornecido por outro corpo, joga com as dificuldades de enfrentamento entre o sujeito e o mundo fora do útero, e nele o embate com as forças que pressionam, tencionam e o forçam a criar novos modos de vida, delimitados pelos posicionamentos assumidos na ordem da vida e dos discursos. Mesmo a condição de fuga, esboçada no poema de Antunes, encontra-se controlada pelas forças do fora (“mas tinha que respirar”). Diante desta questão, poderíamos afirmar, com Antunes, que “um corpo não respira porque quer”<sup>4</sup>. Esse movimento físico do corpo, automático e vital, coloca ao sujeito, e aos seres humanos, uma condição diante da qual ninguém escapa, por isso, a constante repetição do verso “mas tinha que respirar” e o seu complemento, “todo dia”.

O que essa canção nos coloca? O que os processos de subjetivação produzem nos sujeitos? Nesse caso em especial, deparamo-nos com um sujeito afetado por forças

<sup>4</sup> Aqui faço uma brincadeira com outro poema de Antunes, que diz “o corpo não cresce porque quer”.

capazes de o arrastar, por opção, a outro espaço: “debaixo d’água”. Atraído pela condição de feto, espaço onde teria alimento, proteção, carinho, ausência de medo, culpa, para citar esses exemplos, o sujeito constrói sua utopia, mas, como contraponto, se vê impossibilitado de vivê-la integralmente.

No plano verbal, chama atenção a recorrência de verbos no tempo passado (“era, tinha, ficaria, faltava”), seja no pretérito imperfeito ou no futuro do pretérito. O primeiro indica uma ação passada e concluída, mas mantendo uma continuidade; o segundo produz um efeito de condição. Essa designação, transposta ao conteúdo da canção, reforça o conflito entre uma ação desejada (“debaixo d’água ficaria contente”) e uma condição imposta (“mas tinha que respirar”). Do ponto de vista linguístico-poético-discursivo, a letra da canção joga com esse movimento de constituição do sujeito que, mesmo percebendo os limites do desejo, não o abandona. Por isso, as escolhas verbais, as oposições construídas.

No presente da enunciação, o sujeito faz um relato de uma ação experimentada em outro momento, seja sonhada ou vislumbrada, a qual ainda gostaria de viver, pois o mundo além do espaço uterino ou submarino lhe causa horror e não oferece as mesmas condições de cuidado. Como não se resgata uma vida, um espaço ou uma experiência, pois o momento é outro, e o sujeito também, fica apenas o desejo de inventá-la, fabricá-la por meio do discurso e da poesia. Percebe-se, pelo cenário anunciado, uma tentativa de construção de outro modo de vida, longe de tudo que sufoca e faz sofrer. No entanto, o enunciado “tinha que respirar”, tão repetido no texto, quanto o gesto físico de respirar, nos coloca diante da vida fora do espaço uterino, onde o enfrentamento de forças nos atinge “todo dia, todo dia”.

### Considerações finais

A partir da canção de Arnaldo Antunes percebemos como o horror, diante da situação anunciada, atravessa a constituição do sujeito consigo mesmo e com o mundo, de tal modo, que a busca por criar um outro modo de vida “longe de toda gente, para sempre, no fundo

do mar”, leva esse mesmo sujeito, ainda marcado por essa possibilidade, a procurar novas alternativas de resistência. Assim, a busca por um espaço azul, mais bonito, sem frio, sem culpa e medo, acena para a negação do mundo e a vontade de construção de outro espaço de existência.

Nesse sentido, o sujeito dessa canção se vê atravessado por forças sociais, culturais ou afetivas que provocam o distanciamento desse eu com o mundo, levando-o a se deslocar para a condição de feto (“sereno confortável/amado completo/ sem chão sem teto/ sem contato com ar”) ou a desejar a vida “debaixo d’água”, onde possa estar “protegido salvo/ fora de perigo aliviado/ sem perdão e sem pecado/ sem fome sem frio sem medo/ sem vontade de voltar”.

Se há o desejo de viver em outro lugar ou de inventar outros modos de existência, e se a vontade de viver essa condição ainda não acabou, então podemos ler, que a realidade social sufoca e faz sofrer. Por isso, afirmamos que a letra de Antunes coloca em oposição dois modos de vida, discursivamente marcados e distintos do ponto de vista social. Nesse caso, temos um sujeito que percebe esse movimento e a impossibilidade de retornar à condição de feto ou de viver no fundo do mar. Assim, a canção, pela temática proposta, teria tudo para dramatizar o assunto, bem ao gosto de um sentimentalismo excessivo. No entanto, ocorre o contrário, e o sujeito, mesmo diante do horror que o mundo provoca, posiciona-se, sabendo de sua condição enquanto ser que vive fora d’água e para onde não pode voltar. Isso implica, como questão ética, não permitir que os processos de subjetivação sufoquem e desabilitem o governo de si, para que este possa conduzir esses processos que nos atingem como sujeitos imersos em redes de saber, poder e controle.

Dessa maneira, a canção propõe uma abertura para acolher o trágico e afirma a vida incondicionalmente, independente do que cada sujeito assume para si e para o mundo.

### Referências

ANTUNES, Arnaldo. *As coisas*. 8ª Edição. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2002.

\_\_\_\_\_. *Paradeiro*. São Paulo: BMG, 2001.

CARDOSO JUNIOR, Helio Rebello. *Foucault e Deleuze em co-participação conceitual*. In: RAGO, Margareth; ORLANDI, Luiz B. Lacerda; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). *Imagens de Foucault e Deleuze. Ressonâncias Nietzscheanas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p.185-199

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. *Os entre-lugares do sujeito e da escritura em Arnaldo Antunes*. Curitiba: Editora Appris, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Dois ensaios sobre o sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. e RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

\_\_\_\_\_. *A Ética do cuidado de si como prática de liberdade*. In: MOTTA, M. B. (org.). *Michel Foucault. Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro; Forense Universitária, 2004. (Ditos & Escritos V ) p 264-287

LOPES, Marcius A. Loiola. *Da Genealogia da moral a O anti-édipo: a imagem da 'falta' como ideal ascético*. In: LINS, Daniel. *Nietzsche/Deleuze. Imagem, literatura e educação*. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza, CE: Fundação de cultura, esporte e turismo, 2007. p. 193-210

PELBART, Peter Pál. *O corpo do informe*. In: \_\_\_\_\_. *Vida Capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2003. p. 42-51

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. Trad. Carlos Piovezani, Nilton Milanez. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

SALGUEIRO, Wilberth C. Ferreira. *Uma certa enciclopédia poética: cismas em torno da poesia brasileira pós-80*. In: *IPOTESI – Revista de Estudos Literários*. v. 5, n. 2, jul/dez 2001. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2002. p. 99-116

*Recebido em: 14 de março de 2012.*

*Aceito em: 19 de abril de 2012.*